

Editorial

A EDMS comemorou festivamente o 10º aniversário de actividade contínua ao serviço das paróquias e comunidades religiosas sedeadas na diocese. Mas não pode parar. Há ainda muito a fazer até que em toda a diocese existam condições que permitam realizar celebrações atraentes, sim, mas dignas de Deus a Quem é devida “toda a honra, glória e louvor”.

A principal condição está, a meu ver, na formação litúrgica das assembleias e na preparação técnico-litúrgica dos principais intervenientes (actores, no sentido etimológico da palavra) nas acções sagradas. Ninguém ama o que desconhece. Ora a participação na liturgia, para ser verdadeira, não pode ficar-se pelo superficial, nem estar dependente do “gosto / não gosto... isto diz-me alguma coisa / não me diz nada... é fixe / não é fixe...” Seria uma participação epidérmica. O Concílio foi claro: a participação dos fiéis deve ser “consistente, animada e plena” (SC 14). Que significam estes três adjectivos?

Por vezes tem-se a impressão de que alguns responsáveis pretendem sobretudo ver assembleia muito numerosas, muito animadas (agitadas) e muito contentes..., mesmo que à custa de cedências danosas e comprometedoras.

Parece que é tempo de pôr os pés na terra, pensar na meta aonde se quer chegar e verificar cuidadosamente os caminhos a percorrer. ECOS apresenta parte de 2 artigos sobre esta problemática.

A EDMS rege-se pelos objectivos indicados na Carta da fundação, entre os quais está o respeito pelas orientações do Magistério da Igreja. Será que já perderam validade? Mesmo com ventos e marés adversos, continuaremos a trabalhar, na possível fidelidade a estes princípios, até que o Magistério da Igreja aponte outro rumo.

No próximo dia 22 de Setembro, iniciaremos as aulas do 11º ano de serviço. Boas férias e... até breve.

O Director da EDMS

Crise da Liturgia?!

Recorte do artigo “A LITURGIA” publicado por D. Manuel F. Falcão no Boletim de Pastoral Litúrgica, nº 101, Janeiro-Março de 2001.

«Entre nós, a sensação dominante é a de que, em matéria de liturgia, tudo corre bastante bem. O ambiente estava preparado para a reforma litúrgica; ela foi bem acolhida pelo clero e pelos leigos; o trabalho de tradução e edição de textos, de elaboração de subsídios (cânticos...) e de apoio à pastoral litúrgica (jornadas nacio-

nais de Fátima...) tem sido exemplar. E ainda por cima, os balanços oficiais de 1985 e 1988 (...) parecem confirmar esta visão otimista. No entanto, sobretudo no que se refere às áreas católicas da Europa, começa-se a ouvir, mesmo da boca de eminentes personalidades da Igreja, que *a liturgia está em crise*.

Uma das primeiras vozes a bradar o alerta foi a do Cardeal Godfried Danneels, arcebispo de Malines-Bruxelas, em longo editorial do boletim diocesano "Pastoralia" de 10.12.1985. (...) A causa principal da crise da liturgia é, segundo o relator do Sínodo de 1985, a superficialidade com que foi aplicada a reforma litúrgica.

Sinais desta superficialidade foram: uma participação activa mais na linha do protagonismo dos actores das celebrações no que da penetração, à luz da fé, no âmago dos mistérios celebrados; uma procura d linguagem racional ou emotiva que tornasse simpática a liturgia às pessoas do nosso tempo, com menosprezo da linguagem tradicional dos símbolos litúrgicos, a mais apta a proporcionar a experiência do transcendente, linguagem que envolve toda a personalidade humana: inteligência, coração, imaginação, memória, senso estético e sentidos corporais; a *instrumentalização da liturgia*, dela fazendo: escola de canto, ensino teológico, catequese, promoção social, angariação de fundos... Como remédio, o Cardeal Danneels oferece algumas orientações práticas.

Mais recentemente, na inauguração das conferências quaresmais de Notre-Dame de Paris, neste ano de 2001, o Cardeal Christoph Schonborn, arcebispo de Viena de Áustria, ao falar dos problemas com que a Europa e a Igreja hoje se defrontam, declarou com toda a frontalidade que *a liturgia se encontra em crise* no nosso continente.

Começa por lamentar que as nossas igrejas se encontrem fechadas durante o dia e nem sempre bem cuidadas, privando os fiéis da oportunidade de encontrarem lugares de oração e de adoração do SS. Sacramento. Quanto à liturgia, reconhece que, em países como a França, depois de uma primeira fase, a seguir ao Concílio, a reforma litúrgica ter sido objecto de debates apaixonados e experiências abusivas, se chegou a uma acalmia. Mas alerta: "É preciso não fechar os olhos face ao que me parece uma evidência: *a crise da liturgia é um dos factores - entre muitos outros - da quebra dramática da prática religiosa*, em França e não só".

No entanto, reagindo a um pessimismo estéril, acrescentou: "Onde a liturgia é celebrada de forma digna e bela, solene mas sem opulência, orante mas sem pietismo, os fiéis não só se não dispersam mas retornam. Vejo como urgência de primeira ordem cultivar e aprofundar o que Romano Guardini, agora seguido do Cardeal Ratzinger, chamaram *o espírito da liturgia*. Este espírito é, antes de mais, o sentido do carácter transcendente do culto divino... Julgo urgente *rever a orientação da liturgia*, de forma que exprima e manifeste verdadeiramente o "sursum corda", elevando os corações para o Deus três vezes santo".

Outra voz com a qual o Cardeal Schonborn se declara em sintonia é a do Cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação da Doutrina da Fé. A sua preocupação com o andar da liturgia nos nossos dias manifestou-se no seu livro de 1999,

que as Paulinas acabam de nos oferecer em tradução portuguesa com o título de “**Introdução ao Espírito da Liturgia**”. (...)

Para que a liturgia não se reduza a um jogo – como foi entendido nos anos 20 do século passado – precisa de mergulhar profundamente as suas raízes nas cenas bíblicas (vocação de Abraão, peregrinação do Êxodo...) de forma a tornar actuais as intervenções de Deus junto de nós. O culto no Cristianismo é orientado pela História da Salvação e não pelo Cosmos, como nas religiões não-teístas. Ratzinger sublinha ainda que toda a liturgia se inspira fundamentalmente na fé bíblica. Nas partes seguintes do seu livro, Ratzinger reflecte sobre o tempo e o espaço na liturgia, levantando questões como o significado das igrejas como edifícios, a orientação da oração e do altar nas igrejas, a guarda do SS. Sacramento, as imagens, a música litúrgica, os ritos e as expressões corporais nas celebrações.

Numa palavra, Ratzinger, Schonborn e Danneels consideram a liturgia em crise e atribuem essa crise sobretudo – embora não exclusivamente – a uma aplicação demasiado à letra da reforma litúrgica, sem que o genuíno espírito da liturgia tenha estado suficientemente presente a orientá-la. A *superficialidade* com que a renovação litúrgica se processou prejudicou a experiência de comunhão de fé e de caridade com o próprio Deus, que os fiéis têm o direito de encontrar nas celebrações. Isto terá contribuído – certamente com outros factores – para o abandono das práticas cristãs e para o avanço da descrença nos países de velha cristandade, a começar pelos sectores mais jovens e culturalmente mais evoluídos, para os quais as nossas celebrações deixaram de despertar interesse. A agravar a situação, estas populações em debandada da Igreja, perderam também o suporte espiritual da piedade popular que aguentou a fé e vida cristãs de gerações que em séculos passados se viram privadas de autênticas celebrações litúrgicas. (...)».

O Cântico de Júbilo

É o título de um artigo de A. Az. *Oliveira* publicado no n.º 95-96 da Nova Revista de Música Sacra, Julho-Dezembro de 2000. Como são vários os intervenientes na parte musical das celebrações, dele recortamos os últimos parágrafos, com a intenção de ajudar a uma séria e oportuna reflexão. Não é bonito atirar culpas só para cima de outros...!

« ...

7. *A Liturgia tem a sua natureza e a sua dinâmica próprias. Não é um espectáculo nem um divertimento para os que assistem. Trata-se de rezar e louvar a Deus em Igreja, como já foi referido. E este louvor deve ser jubiloso.*

Mas não esqueçamos que esse júbilo não depende só do andamento do canto, do nível sonoro do órgão (os decibéis...) do esbracejar furioso do director musical, do número de cantores ou da dimensão da assembleia.

É preciso cantar com nobreza, mesmo os cantos penitenciais... e cantar sem jeitos piegas, de cabeça ao lado, os cantos alegres e frescos.

8. O júbilo do canto tem de começar no Presidente da celebração, no modo como canta, nos gestos que faz, na fé que manifesta em tudo o que diz e como diz, na forma como se movimenta, como olha..., numa palavra, no modo como preside.

É ele que provoca, contagia, arrasta e incentiva os demais. É ele que toma a iniciativa de fazer festa, de celebrar e cantar com júbilo.

Temos ouvido com muita frequência a recomendação de responsáveis apelando para a alegria nas celebrações dominicais. "Temos de fazer **celebrações mais alegres, mais festivas**", dizem eles. Quem me dera saber o que pretendem!

Fico às vezes a pensar que o problema, segundo eles, é da música que se canta ou dos dos músicos que a escreveram.

- Serão os organistas que não dão evidência aos "ritmos", ou melhor, às batidas secas como nos festivais da canção?

- Serão os directores que não mexem o corpo como os saltimbancos do circo?

- Serão os cantores e salmistas que não gritam como desalmados, balanceando-se como bailarinos...?

- Quem sabe o que lhes vai na mente? Quem me dera saber!

Todos sentem que, na prática, o canto da generalidade das nossas celebrações não é festivo nem jubiloso e querem fazer qualauer coisa para dar mais "alegria" a esses momentos.

Estamos de acordo, mas parece-me que não adianta recomendar essa alegria, porque ela não nasce da música. Exprime-se nela.

É inútil querer uma expressão que não corresponde ao interior. Não será expressão de nada, mas uma tremenda mentira.

O problema não é de repertório, partindo do princípio que esse obedece às normas da verdadeira Arte e dos documentos da Igreja, mas é de **vivência, de coração, de fé, de modo de participação total**.

É inútil recomendar mais alegria, no canto, a cristãos que não vivem em condições de comungar na Eucaristia que celebram.

É inútil exigir mais "júbilo" à assembleia ou ao grupo coral, sem primeiro dar atenção aos motivos mais profundos que se escondem, sobretudo a sólida formação religiosa.

É inútil tentar que a assembleia cante jubilosamente numa celebração em que o Presidente ou não canta uma nota sequer, ou então canta da forma mais lacónica um ou dois diálogos (sempre os mesmos). É por essas e outras semelhantes que muitos jornais continuam a escrever: "missa solene acompanhada a cânticos...", ou "missa cantada pelo grupo tal" quando não dizem "abrilhantada", como se vê ainda demasiadas vezes.» v

INFORMAÇÃO

* **XXVII Enc. Nac. de Pastoral Litúrgica** — Em Fátima, de 23 a 27 de Julho de 2001. Mais de 1300 participantes, vindos de todas as dioceses do país! Uma experiência que vale sempre a pena fazer. Assim o entendem muitos cristãos comprometidos na pastoral litúrgica que, mesmo com algum sacrifício, não o dispensam.

Deixando de lado as grandes dioceses de Lisboa e Porto e outras bem distantes (Açores, Madeira, Cabo Verde...), aqui indicamos o número de participantes de algumas dioceses: Viana do Castelo – 40; Vila Real – 103; Guarda – 76; Aveiro – 71; **Coimbra** – 60. É pena que não se aproveitem oportunidades, como esta, para uma maior valorização pessoal e preparação de um melhor serviço às comunidades onde estamos inseridos. Que cada um/a grave, desde já, no seu pensamento: *reservarei a última semana de Julho de 2002; irei ver como é!*

Dos cânticos novos, publicados no Guião deste Encontro, escolhemos 2 para os leitores de ECOS. Vão em folha separada.

Gritai, todos os povos – Cântico de Entrada ou Final que evoca a “missão da Igreja”: anunciar a novidade de Cristo, o seu Reino de Amor, Reino da Paz. O texto das estrofes sugere várias oportunidades para o seu uso.

Jesus, Tu és semente, Tu és Pão – É um cântico de Comunhão, indicado, sobretudo, para os 15º e 16º domingos do Tempo Comum no Ano A.

* **Notícias de “Família”** — Na nossa redacção houve muito regozijo com as novidades académicas (conclusão de Cursos Universitários na Univ. de Coimbra). Assim: a *Georgina Florbela C. Lopes* (finalista em 93/94), da paróquia de São Martinho do Bispo, terminou o Curso de Ciências da Educação, na Fac. de Psicologia; a *Regina Duarte* (fin. 96/97), da paróquia de Ega, o Curso de História, na área de Arqueologia, e vai dar aulas em Padrógão Grande; a *Catarina Betencourt* (fin. 98/99), da paróquia de Sé Nova, Curso de História de Arte, e vai estagiar em Maceira Liz, leccionando História; a *Susana Aires* (matriculada no IV ano da EDMS), o Curso de Direito; em princípio, irá continuar na Universidade como Assistente. Parabéns a todas e... que levem a vida a cantar!

* **Cartas ao Director** — A Irmã Antónia Quiñones já deixou Roma. Escreveu de Sevilha, onde agora se encontra, desde 2 de Julho p.p. e ao serviço dos irmãos doentes, a felicitar a EDMS pelo seu 10º aniversário. «Os meus PARABÉNS. Sei que [a minha carta] vai chegar atrasada, mas na minha recordação e oração os tive muito presente». Seu novo endereço: *Siervas de Maria / Santa Paula, 28-30 / E – 41003 SEVILLA*. Telefone: 456 07 42 (de Sevilha).

A Irmã Ana Cristina (do I Ano) também escreveu a anular a sua matrícula na EDMS e a dizer: «Estou muito grata por tudo quanto aprendi (...). Que o Senhor derrame as suas bênçãos sobre todos: professores e alunos, sr. José e todos os colaboradores...». Vivia na Rua da Ilha. Agora muda de Ilha; vai para a de S. Miguel (Rabo de Peixe), Açores. *Agradecemos vossas notícias, Irmãs, e as vossas orações. O Senhor vos conceda também muita saúde, paz e alegria no seu serviço.*

* **Viva o ECOS!** — Uma finalista de 94/95 escreveu a felicitar a EDMS «pelo êxito do trabalho realizado aquando da comemoração do 10º aniversário de existência da Escola, pelo

elevado nível cultural e científico do mesmo e também pelas actividades desenvolvidas no encerramento do ano lectivo». A carta veio acompanhada de uma oferta de 10.000\$00 para o Ecos e de um protesto: «Este boletim informativo não pode deixar de circular...».

Bem haja, M.T., por todo o seu apoio e entusiasmo. Se à Redacção chegarem notícias ou questões de interesse para os leitores e a publicação não se tornar exageradamente pesada, faremos o possível para que alguns ECOS cheguem até aos alunos que frequentam ou concluíram o Curso na EDMS e aos seus respectivos párocos.

* **Contas de ECOS** — Iniciamos o IV Ano de publicação. Este Boletim da EDMS cresceu e, por isso, consumiu também mais “energia”. Durante o ano 2000/01 as despesas foram estas: edição dos 4 números do III Ano de publicação = 12.020\$; envio pelo correio = 21.469\$. *Despesa total: 33.489\$00.* Recebemos 5 ofertas expressamente destinadas a ECOS (vindas de 3 assinantes): 5.000 + 1.000 + 4.200 + 10.000 + 4.000 escudos. Juntando o saldo de 3.955\$00, que vinha do ano anterior, temos uma *receita total de 28.155\$*. Houve, portanto, um saldo negativo de **5.334\$00**, a suportar pela EDMS. ECOS deveria bastar-se a si mesmo. É certo que a Escola recebeu outras ofertas de 3 generosos benfeitores, mas, apesar disso, as contas da Escola vão encerrar com um saldo bem negativo. Um serviço que pesa na bolsa da diocese.

* **Convívio dos Antigos Alunos** — É um desafio, ainda dentro das comemorações do 10º aniversário da Escola. Que tal encontrarmo-nos todos, no dia 22 de Dezembro, durante todo o dia ou só de tarde, na sede da Escola, para conviver, cantar, partilhar experiências e cantar as Vésperas de Nª Senhora juntamente com os actuais alunos?! É provável que ainda haja uma lembrancinha do 10º aniversário para cada um que vier. Vamos a isso? Pense e decida já. Escreva ao Director da Escola a manifestar a sua opinião ou a propor melhor data e a actualizar os seus dados pessoais. Pode ser por este *e-mail*: mafrade@netc.pt ∪
